

UTILIZAR E PRODUZIR CD ROM's SIM, MAS PORQUÊ E COMO?

por

MARIA LUÍSA CABRAL, Biblioteca Nacional (Portugal)

RESUMO

Os termos futuro e CD ROM parecem sinónimos. Talvez não o sejam e vale a pena analisar as vantagens e as desvantagens mútuas de duas soluções técnicas. A complementaridade destas prende-se com aspectos de produção e não apenas com questões de gestão. O mercado português e os desafios internacionais.

* * * * *

Depois dos serviços em linha, sejam eles em tempo real ou não, o grande sucesso das novas tecnologias da informação parece ter-se fixado na produção e utilização dos CD ROM's. Esta evolução é verdadeira em Portugal, como o fora anteriormente na restante Europa ou na América do Norte. Porquê, de facto, este deslumbramento? Vale a pena aprofundar um pouco as razões de êxito tão recente.

Depois da introdução de soluções parciais aplicadas à automatização de bibliotecas - entre as quais, por exemplo a função circulação e empréstimo que em países como o Reino Unido logrou implantação retumbante, ou a função catalogação entre nós

que recolheu uma adesão não menos significativa - caminha-se agora decididamente para a adopção dos sistemas integrados. Não fora assim e as grandes potencialidades oferecidas pelo computador correriam o risco de ser desbaratadas. Sistemas integrados ou sistemas globais em que as diversas funções se interpenetram procurando rentabilizar a utilização comum dos dados, independentemente dos objectivos de cada função. Nestes sistemas integrados, a implantação das diferentes funções da cadeia documental, regra geral, sucede de acordo com a própria lógica da cadeia documental manual: aquisições, catalogação e classificação, cotação, circulação e empréstimo. No entanto, por questões que se prendem com a rentabilização do sistema, o fluir do circuito documental, segundo os procedimentos manuais e a sua lógica, pode ser alterado. A aparente "desordem" que então se estabelece é bem suportada pelo computador. É esta a insuplantável vantagem de um sistema integrado e modular: as partes encaixam-se e completam-se sendo indiferente caminhar primeiro pela direita e depois pela esquerda, ou vice-versa. A informação devidamente codificada dentro do sistema, desliza ao longo dos vários estádios do processamento, intercomunica através dos vários módulos e o resultado é transparente. E esta transparência é tudo quanto interessa preservar quer do ponto de vista dos bibliotecários, quer do ponto de vista dos utilizadores finais.

Encontramos grandes sistemas integrados na América do Norte, no Reino Unido, na Austrália e também na Europa Continental. Mas serão estes sistemas integrados em linha, verdadeiramente em tempo real? A resposta é sim, e é não. Na certeza porém de que

apenas os sistemas integrados e em tempo real, com actualização diária, nos podem interessar. Um sistema assim, operando em linha e em tempo real, satisfaz o técnico mais exigente, como satisfaz o utilizador mais renitente e são esses os sistemas que importam considerar como metas a atingir. E é com este tipo de sistemas que devemos comparar a solução CD ROM.

Efectivamente, se formos comparar a eficácia de um CD ROM com um programa que não foi preparado para automatizar o conjunto das funções de uma biblioteca, a comparação é desigual e pende, desde logo, para o lado do CD ROM. Muitas bibliotecas parecem esquecer isto e para todas elas o CD ROM surge como a solução, sendo quase considerado como a última palavra em matéria de novas tecnologias da informação. Discordo em absoluto desta posição que, aliás, me parece perigosa. Porquê perigosa? Pela muito simples razão de que o CD ROM - e os CD ROM's em exploração nas bibliotecas portuguesas encontram-se todos no mesmo grupo - não reflectindo o fundo documental da biblioteca onde está instalado e onde é consultado, subalterniza o problema das aquisições e do enriquecimento das colecções, não promovendo o desenvolvimento real da capacidade de informação das bibliotecas e, no seu conjunto, do país.

Não ignoro que se pode contrapor que este problema já se levantava com as fontes impressas, isto é, com as revistas de índice ou resumos. É absolutamente verdade, mas o advento das novas tecnologias da informação trouxe a facilidade de armazenamento, de consulta e, até, de preço. Os CD ROM's apareceram como alternativa aos sistemas em linha e muitos de nós

deixámo-nos deslumbrar por eles esquecendo que os CD ROM's são apenas outro suporte secundário de informação e não substituem a existência das próprias fontes primárias. O grande envolvimento com os CD ROM's tem a ver, na minha opinião, com a sua facilidade de consulta e rapidez na disponibilização da informação, suplantando claramente as tradicionais publicações periódicas de resumos. A nossa atenção, como profissionais, foi subitamente desviada para esta nova maravilha, deixando para trás, de forma um pouco apressada e pouco amadurecida, a discussão sobre os sistemas em linha e a grande problemática relacionada com o depauperamento progressivo dos fundos documentais das nossas bibliotecas.

Os CD ROM's são indiscutivelmente suportes de informação límpidos e transparentes que nos entram pela porta dentro, reunindo e oferecendo uma panóplia de informação nunca dantes sonhada. Mas que informação? Informação actual, pertinente, especializada dizem os seus acérrimos defensores. Mas será assim tão actual? Mesmo que uma ou outra base de dados disponível em CD ROM seja actualizada mensalmente, quanto tempo fica para trás indispensável à sua preparação? Convirá ter aqui bem presente que a matriz para produção de CD ROM, a partir da qual são reproduzidas milhares de cópias, tem a sua origem na existência de uma banda magnética e esta tem previamente de ser preparada. Isto é, tem de existir num qualquer computador. Infelizmente, o fenómeno de geração espontânea não acontece aqui.

O CD ROM é feito a partir dos dados reunidos numa banda magnética, dados resultantes de selecção predefinida, que exigem um carregamento normalizado sejam eles quais forem o formato e os

dados. A posterior impressão desses dados faz-se por aplicação de uma tecnologia apenas conhecida de alguns.

Se a produção de um CD ROM exige a criação de uma base de dados, exige tempo. E por muito curto que esse tempo seja, é sempre tempo. Por isso nunca as actualizações poderão ser exactamente sobre a hora da captação e registo dos dados. Ora, se as actualizações perdem com esta demora imposta pela tecnologia, então a informação arrisca-se a perder alguma pertinência e o seu valor como informação especializada. A gravidade desta relativa "desactualização" não tem o mesmo peso em todos os domínios científicos. O utilizador no campo da saúde será, sem dúvida, muito mais sensível a um possível desajustamento temporal da informação do que um utilizador no domínio das ciências sociais. Dois argumentos podem ser invocados para contemporizar com esta questão do desajustamento temporal, passando então, este desajustamento a ser considerado uma falsa questão. O primeiro argumento pode basear-se na justificação de que o CD ROM permite pesquisas de extensão considerável em tempo record, não implicando despesas em comunicações. Por seu lado, um segundo argumento poderá invocar que, muito embora com algum carácter retrospectivo e ligeiramente desajustado temporalmente, cada CD ROM, pelo volume de informação bibliográfica especializada armazenada, facilita o trabalho do investigador. Tratam-se de dois argumentos válidos e incontestáveis.

Vejamos, então, a questão dos custos. Embora uma assinatura anual custe centenas de contos, uma estação de trabalho pode servir centenas de utilizadores a quem se pode pedir um preço para

enfrentar a despesa e segundo vários critérios: pelo tempo ocupado da estação de trabalho, pelos registos transferidos para disquete própria, pelas impressões feitas. Seja o critério ele qual for, o preço é sempre insignificante e o custo da assinatura recupera-se a curto prazo. Na época áurea das revistas de resumos nunca nos lembraríamos de cobrar nada, mas mudam-se os tempos mudam-se as vontades!

Em matéria de telecomunicações, não há custos a considerar. E quanto a pessoal envolvido, só o pouquíssimo tempo de ensinamento que o utilizador requer.

Outros argumentos em favor do CD ROM têm a ver com a sua facilidade de transporte e de instalação. Tudo argumentos ponderosos e verdadeiros a favor da banalização do CD ROM quando a comparação é entre CD ROM e os documentos impressos secundários que o antecederam. Pelo contrário, comparar CD ROM e serviços em linha exige a menção de outros aspectos que, por sua vez, denotam preocupações distintas.

Um desses aspectos tem a ver com a disponibilização da informação em tempo real e a intercomunicabilidade que se estabelece entre o circuito do livro e da leitura; o outro aspecto tem a ver com a provisão documental de cada biblioteca.

A existência de um verdadeiro sistema em linha, permitindo uma transacção permanente entre os vários módulos e entre estes e o utilizador não só traz maior crédito aos serviços dessa biblioteca, como lhe acresce as responsabilidades.

Os sistemas integrados foram concebidos para intercomunicar com os utilizadores. Se não o fazem, os responsáveis somos nós profissionais da informação e é precisamente essa capacidade de

acompanhar o desenrolar do processamento que torna os sistemas integrados insubstituíveis face aos CD ROM's. A base de dados de cada biblioteca pode perder argumentos face à multiplicidade de bases de dados disponíveis em CD ROM. Analisada deste ângulo, qualquer base de dados de uma biblioteca também perde quando comparada com outros documentos secundários. Contudo, se esta verdade fosse universal e imutável, o computador não tinha invadido as nossas bibliotecas.

Qualquer suporte de informação referencial que não se circunscreva às existências locais e transforme a nossa biblioteca numa biblioteca universal, leva de vencida a base de dados em linha de uma determinada biblioteca. Esta constatação é verdadeira tanto no caso das revistas de resumos como no caso dos CR ROM's. Em compensação, e como argumento de peso, uma base de dados em linha desta ou daquela biblioteca ultrapassa largamente as vantagens dos CD ROM's (ou das hardcopies) precisamente porque para cada registo o correspondente título existe fisicamente na estante dessa biblioteca. Muito, pouco ou nada lidos, os livros estão ali à mão, dispostos a ser descobertos e usados.

Talvez eu tenha mencionado factos já muito conhecidos. Fi-lo porque me parece nunca ser de mais sublinhar que o deslumbramento provocado pelos CD ROM's, a sua incrível popularidade pode:

1º iludir a nossa atenção sobre os cuidados que um plano de aquisições e o desenvolvimento das nossas colecções deverá exigir;

2º pode desviar os nossos esforços da criação de uma base de dados na nossa biblioteca, disponibilizando para a comunidade os respectivos recursos bibliográficos.

Reside aqui, aliás, uma tremenda ironia: é que sem dispormos das nossas próprias bases de dados nunca poderemos ambicionar produzir os nossos próprios CD ROM's e a nossa dependência do exterior persistirá duplamente. Nas bases de dados importadas identificamos muita informação, provavelmente, existente entre nós mas pouco divulgada por falta de tratamento electrónico. Pelo contrário, ao não encontrarmos nas nossas bibliotecas essa informação, então, importamo-la, as mais das vezes em fotocópia. Ou seja, o CD ROM embora seja uma tecnologia fascinante não nos deve fazer esquecer as tarefas fundamentais que se esperam de nós: por um lado, o enriquecimento permanente das nossas colecções; por outro, a sua subsequente disponibilização em tempo real para uma comunidade de investigadores e estudantes que se ambiciona ver alargada.

As bibliotecas portuguesas são muito dependentes do exterior e é urgente alterar este estado de coisas. Os CD ROM's são óptimas ferramentas, mas não podem actuar como panaceia. A cura para os nossos males está num trabalho virado para dentro, com reconhecimento pleno das nossas fraquezas: fraqueza ao nível do domínio das novas tecnologias de informação e fraqueza no tocante à variedade e extensão das colecções. Fraqueza ainda no enorme atraso em matéria de identificação do nosso património. Este aspecto é tão importante que dificilmente encontro palavras para descrever mas bastará, talvez, lembrar que é o carácter único dos nossos fundos antigos ou dos fundos que testemunham um passado colonial recente que poderá proporcionar interesse comercial na produção de CD ROM's de origem portuguesa, tendo antecipadamente

garantida a sua penetração nos mercados internacionais.

Cientes de que o CD ROM é apenas um complemento e não uma alternativa aos sistemas integrados e em linha, que só a soma dos dois representa o futuro, assume agora significado de primeira plana um investimento na identificação sistemática com a respectiva disponibilização, sobre suporte electrónico, dos fundos depositados nas bibliotecas portuguesas.

Uma base de dados assim, qual catálogo colectivo, contém um potencial inegável e esse é o objecto do meu alerta e do meu apelo: se conhecermos o que temos, podemos maximizar a utilização dos CD ROM's descobrindo que há por aí documentos primários que não precisam de ser importados em fotocópia e poderemos, quiçá, utilizar essa massa crítica e passar à produção de CD ROM's originais.

Se esta não for a nossa opção, não me admirarei se em breve tivermos que constatar que, afinal, "o rei vai nú".